

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Uma grande jornada democrática:

GOVERNO FASCISTA REPRIME BRUTALMENTE AS COMEMORAÇÕES DO 31 DE JANEIRO

As comemorações do 31 de Janeiro, no Porto, constituíram mais uma potente afirmação da vontade popular de luta pelas liberdades democráticas fundamentais.

Cerca de 10.000 pessoas, apesar da proibição salazarista, concentraram-se dentro e fora do cemitério do Prado do Repouso, em homenagem aos mortos da primeira revolução republicana. Esta grande concentração popular, de que faziam parte numerosas delegações de muitos pontos do país, transformou-se numa grande manifestação anti-salazarista.

Junto do monumento aos heróis do 31 de Janeiro depois de um minuto de silêncio em homenagem aos mortos, os manifestantes entoaram o hino nacional seguido de vivas à República, à Democracia, à Liberdade, etc.. Ouviam-se de todos os lados gritos de «Unidade! Amnistia! Amnistia! Amnistia! Liberdade para os presos políticos!»

Começaram então as brutalidades das brigadas da PIDE e da PSP que concentraram no local veículos armados de metralhadoras, bombas de gás e um auto-tanque.

A ferocidade das forças repressivas não respeitou ninguém, mulheres e crianças foram espancadas e espezinhadas e muitos manifestantes sofreram graves ferimentos, entre os quais o ilustre candidato democrático às últimas eleições presidenciais, Dr. Arlindo Vicente que as massas populares vitoriam significativamente.

Os populares, sempre sob os golpes das forças repressivas, dirigiram-se depois em manifestação pela rua de S. Vitor gritando consignas democráticas e abaixo à PIDE, gritos de «Bandidos! Assassinos! Chegará a vossa hora! etc.»

AS EXPLOSÕES DO SAHARÁ PÕE EM PERIGO A SAÚDE DO NOSSO POVO

Explodiu a bomba franco-alemã no Sahará. De Gaulle permaneceu surdo aos clamores de protesto de todos os povos do mundo, incluindo o próprio povo francês, e ao espírito da moção aprovada sem oposição o ano passado na ONU acerca da paralização das experiências atómicas e nucleares.

A explosão do Sahará que não tem qualquer relevo no domínio militar ou científico, constitui, porém, um perigo para as populações africanas e para os povos da região mediterrânica, entre os quais Portugal pela possibilidade da contaminação radio-activa da atmosfera.

Este perigo foi denunciado pelos cientistas jugoslavos e italianos mas o governo salazarista procurou desarmar o nosso povo proibindo todas as referências na imprensa às experiências do Sahará.

Depois da explosão, apareceu no Algarve, região tradicionalmente balda pelo «subão» — o terrível vento oriundo do Sahará — alguns sintomas alarmantes de alteração atmosférica. Segundo as próprias conclusões a que chegou a Junta de Energia Nuclear «verificou-se em certos locais a existência de materiais radioactivos». Por isso foi proibida a utili-

A PIDE procurou ainda impedir que as numerosas delegações fossem saudar o venerando democrata Dr. António Luís Gomes, a quem foram, contudo, entregues moções e representações de saudação e de exaltação unitária.

A unidade anti-salazarista é cada vez mais necessária

A forma brutal como o governo salazarista reprimiu as comemora-

ções do 31 de Janeiro e o que isso significa como intenção de responder às reivindicações democráticas do nosso povo, coloca cada vez mais de maneira premente, a necessidade dum largo entendimento entre as forças democráticas e anti-salazaristas com vista à unificação dos seus esforços e acções numa frente comum de luta contra o salazarismo.

Ante o recrudescimento da re- (continua na 2.ª pág.ª)

REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÉ CENTRAL DO P.C. PORTUGUÊS

O Comité Central do Partido Comunista Português realizou recentemente uma reunião extraordinária na qual tomou importantes resoluções com vistas ao fortalecimento político e orgânico do Partido e à condução da luta contra a ditadura fascista.

A NECESSIDADE DO AUMENTO DOS SALÁRIOS NÃO PODE SER ILUDIDA SÓ A LUTA FIRME E ORGANIZADA OBRIGARÁ O GOVERNO E O PATRONATO A CONCEDÊ-LO

Durante o ano de 1959 o brusco aumento do custo de vida e o acréscimo do desemprego agravaram enormemente a situação difícil das classes trabalhadoras.

O azeite subiu no tipo extra dois escudos em litro e o bacalhau vende-se oficialmente a 16 e 18\$20. Mas o desaparecimento do mercado dos tipos mais baratos do azeite e a incorporação dos tipos do bacalhau mais baratos nos outros de preço mais elevado significa de facto aumentos de 3 a 4 escudos no preço destes géneros.

O pão não sofreu oficialmente aumento de preço. Mas porque si- lenciou o governo a redução do

peso das unidades (25 gramas em cada papo-seco) e porque anulou a exigência da pesagem do pão nas padarias senão para ocultar o verdadeiro aumento de preço deste artigo essencial da alimentação do povo?

O açúcar amarelo foi mantido ao preço de 5\$30, mas não é verdade que a redução de 30%, do contingente lançado no mercado obrigou o consumidor pobre a gastar o açúcar branco a 6\$60 o quilo?

A carne subiu 2 escudos e mais em quilo, o toucinho e a banha passaram de 18 para 20\$00, o contingente de leite mais barato foi reduzido nas grandes cidades em benefício do leite engarrafado de mais elevado preço. O peixe seguiu na mesma esteira.

Aumentaram os transportes colectivos do Porto e as tarifas do Metropolitano de Lisboa significam de facto o aumento dos transportes urbanos da capital. Manobra-se para elevar as tarifas da energia eléctrica no Porto, em Coimbra e em Lisboa e as rendas de casa sofreram aumentos que chegam a atingir os 10%.

É toda uma corrida para a alta dos preços que o governo favorece por todos os meios e que transforma a vida dos trabalhadores num verdadeiro inferno.

Salários de fome e lucros fabulosos

O governo salazarista por intermédio do ministro-polícia, Veiga de Macedo, procedeu durante o ano passado à revisão de novos

COMUNICADO E APELO DO C. C. DO P. C. P. SOBRE A 1.ª CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA PRÓ-AMNISTIA EM PORTUGAL E ESPANHA

Comité Central do Partido Comunista Português, ao tomar conhecimento da realização em fins de Janeiro da 1.ª Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia aos Presos Políticos de Portugal e Espanha, na cidade de S. Paulo, Brasil, saúda todas as forças democráticas e progressistas dos países da América Latina, e em particular do povo irmão do Brasil, a quem se deve o êxito da realização da Conferência e as suas importantes resoluções.

Esta Conferência em que participaram mais de 200 delegados e representantes de várias organizações progressistas e dos mais

largos círculos da opinião pública do Brasil, Venezuela, Argentina, Chile e Uruguai, realizou-se no salão nobre da Faculdade de Direito de S. Paulo sob a presidência do ilustre ex-Embaixador do Brasil em Lisboa, Dr. Álvaro Lins, e sob o patrocínio do Governador do Estado de S. Paulo, Carvalho Pinto.

A Conferência de S. Paulo foi uma importante contribuição para a defesa das vidas de milhares de cidadãos anti-salazaristas e anti-franquistas encarcerados em Portugal e Espanha e para o regresso à pátria de milhares de exilados políticos de ambos os países.

Por ordem dos respectivos governos, os embaixadores de Salazar e Franco no Brasil tudo fizeram para impedir a realização da Conferência. Todos os esforços e influências foram movidos junto do governo do Brasil e postas a circular as calúnias e mentiras mais absurdas para desvirtuar o carácter da Conferência. Mas a pressão da opinião pública e dos círculos progressistas do Brasil e de toda a América do Sul reduziu a pó as manobras franco-salazaristas.

(continua na 2.ª pág.ª)

contratos colectivos de trabalho enchendo a boca com a «melhoria» das remunerações dos respectivos trabalhadores.

«Os operários de lanifícios passaram a ter poder de compra!», «Melhoria substancial dos salários dos operários vidreiros!» Eis o que dizia em grandes parangonas a imprensa vendida ao regime. Mas qual foi a realidade destes contratos colectivos?

Na verdade, na maioria dos casos, os novos contratos apenas sancionaram aumentos já antes arrancados pelos trabalhadores ao patronato e hoje claramente insatisfatórios.

O novo contrato para a indústria vidreira deu aumentos nominais de 20%, mas apenas para o pessoal diário, que representa uma minoria dos operários da indústria do vidro.

No contrato dos lanifícios diz-se que os salários foram aumentados de 25%. Mas sobre que salários? Será bom recordar que os operários da indústria de lanifícios tiveram para se alimentar em cada dia do ano de 1953 um salário médio sem descontos de 19\$10 e que em 1957 esse salário baixou para 16\$30!

É ainda edificante a comparação dos salários ganhos pelos trabalhadores com os lucros confessados de algumas grandes empresas. Em 1957, por exemplo, enquanto um mineiro ganhou em média, sem descontos, 18\$50, um conserveiro 13\$20, um têxtil algodoeiro 18\$40, um operário dos artefactos de malha 13\$20, um cerâmico 18\$70 e

(continua na 2.ª pág.ª)



CONFERÊNCIA DE S. PAULO

(continuação da 1.ª pág.)
No final a Conferência adoptou as seguintes resoluções:

1ª — Enviar imediatamente um memorando à ONU sobre a situação repressiva em Portugal e Espanha;

2ª — Enviar representações aos parlamentos dos países sul-americanos denunciando esta situação e pedindo a sua intervenção junto das autoridades de Portugal e Espanha, a favor dos presos e exilados políticos dos dois países;

3ª — Enviar a Portugal e Espanha, o mais tardar em Abril, uma ampla e representativa delegação de intelectuais e juristas sul-americanos para reclamar dos governos português e espanhol uma ampla amnistia e visitar os prisioneiros anti-fascistas;

4ª — Convocar ainda este ano uma nova Conferência Pró-Amnistia com carácter sul-americano;

5ª — Formar uma Comissão Executiva Permanente Pró-Amnistia em Portugal e Espanha, representativa dos países representados na Conferência;

6ª — Transformar as organizações representadas na 1.ª Conferência em impulsionadoras da luta pró-amnistia em Portugal e Espanha, nos seus respectivos países.

O C.C. do P.C.P. ao mesmo tempo que se congratula pelo êxito desta importante conferência, chama todos os portugueses patriotas, todos os homens e mulheres de coração, todos os amigos e familiares dos presos, perseguidos e exilados políticos portugueses a multiplicarem os seus esforços em prol da amnistia e a conjugar os com os esforços de todos os amigos da democracia portuguesa no mundo, em particular com os dos participantes à 1.ª Conferência Sul-Americana de S. Paulo.

O C.C. do P.C.P. apela para que se enviem representações, moções e petições ao governo para que promulgue e amplie a cessa das prisões e perseguições de anti-salazaristas e para que apóiem por todos os meios as decisões da 1.ª Conferência de S. Paulo.

Todos os prisioneiros e ex-prisioneiros anti-salazaristas e os seus familiares devem fazer chegar à Comissão Executiva Permanente saída da Conferência de S. Paulo relatórios verídicos dos crimes, torturas e ilegalidades cometidos pela PIDE e pelo governo salazarista.

Apelo lançado no último número do «Avante!» sob a designação de «Campanha da Conquista da Liberdade» obteve o acolhimento de todos os amigos e admiradores do Partido Comunista Português. Esta campanha de um mês, ligada ao êxito da fuga dos 10 patriotas da fortaleza de Peniche e para ajudar a defendê-los, encerra-se assim com um assinalável resultado financeiro.

Entretanto a recolha de fundos para o Partido Comunista Português não pode terminar com a campanha «Conquista da Liberdade». Impõe-se continuar o auxílio financeiro ao Partido, organizar e multiplicar as iniciativas de recolha de fundos e apelar para a contribuição de todos os patriotas e democratas, de todos os que desejam ver Portugal libertado da opressão salazarista.

Salazar mobiliza contra o Partido Comunista poderosos meios, procura por todos os modos atingir os militantes que lutam na clandestinidade e suprimir e abafar a voz do Partido.

Para resistir vitoriosamente, o Partido Comunista Português necessita de recursos importantes e não dispõe de outra fonte que não seja as massas populares, os trabalhadores e as pessoas progressistas do nosso país.

Comarada! Amigo! Contribui para o Partido Comunista Português! Dirige-te a todos os teus amigos, a todas as pessoas das tuas relações que se opõem a Salazar e solicita-

SALAZAR E FRANCO UNEM-SE NO TERROR contra os povos de Portugal e Espanha

Dos mais diversos sectores populares de Portugal e Espanha e da opinião pública internacional erguem-se insistentemente apelos para que cesse o regime de terror fascista e as perseguições por motivos políticos em Portugal e Espanha.

Como respondem os dois ditadores fascistas da Península Ibérica a estes apelos e anseios?

Salazar e Franco respondem com a intensificação do terror e da repressão, com novos atentados às liberdades dos cidadãos, com novas brutalidades contra os seus respectivos povos.

Em Portugal, sob o pretexto de recapturar os 10 patriotas evadidos da Fortaleza de Peniche, Salazar submeteu o país a um regime permanente de estado de sítio, atirou raiosamente os seus esbirros po-

liciais para todas as regiões do país onde, com o auxílio da GNR, da PSP e da PVT, assaltam residências, transportes e transeuntes e espalham o terror entre as populações. Nos últimos dois meses adensou-se extraordinariamente a atmosfera repressiva sobre o país.

Pacificos portugueses como os que comemoravam o 31 de Janeiro no cemitério do Prado do Repouso no Porto, são brutalmente espancados à espadreira e a cassetete. Nas prisões fascistas reina um regime desumano. Patriotas presos com as penas terminadas há longos anos e outros sem culpa formada, presas políticas cujas vida e saúde correm uma grave perigo, medidas terroristas que transformam a vida diária dos prisioneiros num suplício constante.

Ao mesmo tempo os «Tribunais plenários» de Lisboa e Porto, em funcionamento quase ininterrupto, aplicam pesadas condenações a dezenas de cidadãos e cidadãs só por discordarem da política de Salazar.

Em Espanha, o carrasco do povo espanhol, Franco, desencadeou uma nova ofensiva terrorista contra os operários, estudantes e intelectuais espanhóis que reclamam uma mudança pacífica na política nacional espanhola num sentido democrático. Nas últimas semanas a polícia franquista efectuou mais de 300 prisões, principalmente de cidadãos espanhóis que haviam regressado à pátria vindos da União Soviética ao abrigo de um acordo da Cruz Vermelha Internacional com o regime franquista. Ao mesmo tempo o regime de Franco leva a cabo uma vasta acção provocatória contra as forças anti-franquistas à sombra da qual se cometem novos assassinatos de patriotas.

Não é um facto sem significado que no momento em que recrudescem a repressão fascista nos dois países peninsulares, os governos de Salazar e Franco anunciem a sua criminoso solidariedade e o propósito de coordenarem a sua ofensiva terrorista contra os respectivos povos. A entrevista secreta do ano passado entre os dois ditadores fascistas visou o mesmo objectivo.

Salazar e Franco cada vez mais temerosos da luta patriótica contra os seus regimes de opressão selam a sua unidade no terror contra os seus povos.

A esta unidade de criminosos devem os dois povos irmãos de Espanha e Portugal responder com o estreitamento da sua solidariedade fraternal contra a reacção e o fascismo, com a sua luta intransigente contra os dois tiranos que enlutam e martirizam Espanha e Portugal, até que vigore na Península Ibérica a liberdade e a democracia.

Ao nosso povo cabe a tarefa fundamental de combater a repressão e o terror salazarista, de liquidar o regime de opressão de Salazar e estabelecer no país um clima de pacificação e de concordia.

A ILEGALIZAÇÃO DO P. C. MARROQUINO

é um atentado à democracia

Foi posto ora de lei o heróico Partido Comunista Marroquino. Os valentes comunistas marroquinos lutaram duramente pela independência do seu país, pela libertação do seu povo das garras do colonialismo francês e espanhol. Como se dizia na carta do C.C. do Partido Comunista Português ao C.C. do P. C. Marroquino de 5 de Dezembro último: «A legalidade do P. C. M. nem do seu programa patriótico, das suas acções quotidianas a favor da democracia e da completa independência nacional, e ninguém no mundo poderá contestá-la.»

A ilegalização do P. C. M. pelos governantes de Marrocos, depois do tribunal da 1.ª Instância de Casa Blanca ter reconhecido a sua legalidade, é um atentado à democracia e um passo para o fascismo, o que não abona nem prestígio em nada o governo do jovem Estado independente do Norte de África.

O P. C. Português que conhece na sua carne há longos anos o que significa a ilegalidade fascista, ao mesmo tempo que endereça ao P. C. Marroquino os protestos de sua solidariedade fraternal, apela para todos os portugueses anti-fascistas para que protestem contra a ilegalização do P. C. M. escrevendo para a Embaixada de Marrocos em Lisboa e para: «S. E. Abdallah Ibrahim, Presidente do Conselho de Marrocos — Rabat».

A luta contra a ilegalização do P. C. M. é um dever internacional da classe operária portuguesa e de todos os pessoas progressistas do nosso país.

AMIGOS! DEMOCRATAS!

AUXILIAI FINANCEIRAMENTE O PARTIDO COMUNISTA

Apelo lançado no último número do «Avante!» sob a designação de «Campanha da Conquista da Liberdade» obteve o acolhimento de todos os amigos e admiradores do Partido Comunista Português. Esta campanha de um mês, ligada ao êxito da fuga dos 10 patriotas da fortaleza de Peniche e para ajudar a defendê-los, encerra-se assim com um assinalável resultado financeiro.

Organiza a sua ajuda financeira. Organiza nas fábricas, oficinas e escritórios, nas herdades, escolas e bairros populares, entre a intelectualidade progressiva, grupos de «amigos do Avante!» que contribuam regularmente para o Partido Comunista.

Auxiliar o Partido Comunista Português é ajudar a construir o futuro de Portugal!

NECESSIDADE DO AUMENTO DOS SALÁRIOS

(continuação da 1.ª pág.)
um assalariado agrícola 10\$40 — o que pressupõe terem havido milhares de operários e operárias com um salário inferior a estas médias

— 20 grandes empresas que tiveram lucros confessados superiores a 20.000 contos, obtiveram em conjunto 1 milhão 101 mil e 73 contos de lucros, quantia que chegava, ela só, para dar um aumento de 35\$00 diários a cerca de 100.000 operários. Aparece assim claro que os salários dos trabalhadores são mantidos num nível de miséria para que os grandes financeiros e monopolistas protegidos por Salazar, abarrotam criminosamente os cofres.

Organizemos a luta

Só pela luta os trabalhadores conseguirão obrigar o patronato e o governo a aumentar os salários. Os operários industriais e agrícolas e a massa dos empregados e do baixo funcionalismo não têm outra alternativa senão organizar em cada fábrica e herdade, em cada escritório e repartição a luta firme pela

elevação imediata das suas remunerações.

É urgente que os trabalhadores se organizem, discutam as suas reivindicações e as defendam corajosamente junto do patronato, das autoridades, dos sindicatos e casas do povo. Os sindicatos e casas do povo devem tornar-se pontos de reunião dos trabalhadores para a discussão dos seus agudos problemas e a formação dos seus organismos. Mas mesmo nos locais de trabalho ou outros, tais assembleias são possíveis.

As direcções dos sindicatos devem ser pressionadas, pela acção das massas, para que defendam e apoiem as reivindicações dos trabalhadores.

As donas de casa devem organizar a luta contra a carestia em cada bairro, mercado ou rua. Que se formem comissões contra a vida cara e se exija a redução dos preços pela redução dos lucros dos intermediários e armazenistas.

A conquista do aumento de salários não será fácil. Os trabalhadores devem pôr em prática com firmeza as formas de luta e a resistência do patronato e do governo salazarista tornaram necessárias até que as suas justas reivindicações sejam atendidas.

31 DE JANEIRO

(continuação do 1.º pág.)

pressão salazarista toda a manifestação de divisão das forças democráticas é um crime, que o nosso povo vai pagando caro com novos sacrifícios e sofrimentos. É necessário vencer os preconceitos anti-unitários, pôr decididamente de lado tudo o que divida as forças de oposição a Salazar e fazer um esforço de aproximação sem o qual não é possível actualmente trabalhar para a liquidação do regime de opressão salazarista.

A vontade popular é inequívoca: «Unidade! Unidade!». Os anti-salazaristas dão-se conta de indispensabilidade desta condição para derrotar o salazarismo. Porque se espera então? Este foi também o espírito da grande reunião do Brago e de outras acções posteriores.

O Partido Comunista Português ao mesmo tempo que apela para as massas populares para que se organizem e se lancem em novas acções democráticas, dirige-se mais uma vez a todas as forças anti-salazaristas no sentido de organizarem acções comuns contra o regime salazarista e para que terminem decididamente as discriminações em relação à unidade que tem impedido até agora a aglutinação das forças oposicionistas numa larga frente comum de luta.

Unidade! Unidade! Unidade!

“AVANTE!”

AVANÇADA FINANCEIRA

AVANÇADA



AS CLASSES TRABALHADORAS LUTAM POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

Lutas vitoriosas contra o desemprego e por melhores salários

De Norte a Sul do país prossegue, em escala ascendente, a luta da classe operária e dos outros trabalhadores por um aumento geral dos salários e contra o desemprego. O encarecimento do custo de vida, a falta de trabalho, o desrespeito do patronato explorador pelos horários de trabalho forçam os trabalhadores portugueses a unirem-se cada vez mais e organizarem a defesa dos seus interesses vitais.

Lutas e vitórias dos metalúrgicos

Em Janeiro mais de 300 operários da empresa Parry & Son concentraram-se junto dos escritórios para reclamar mais uma vez uma rápida resposta da gerência sobre o aumento de salários pedido. Os operários mostraram a sua decisão de exigirem uma resposta rápida e ouviram-se várias vozes, dizendo que se iria para a «cera». Esta ideia começou a circular rapidamente... Poucos dias depois veio a resposta da gerência: todos os operários que ganhavam menos de 80\$00 recebem um aumento de 8\$00 por dia, com excepção dos aprendizes, que recebem só mais 1\$60 e outros 2\$20.

A conquista deste aumento foi o resultado da firmeza dos operários, da sua unidade de acção em Cacilhas e Lisboa.

Os operários metalúrgicos da CUF, de Lisboa, fizeram também uma exposição ao patronato a pedir aumento. O tubarão Manuel de Melo teria respondido a este justo pedido com a afirmação que não dava aumento «porque os operários não davam rendimento».

Os operários da Comp. Portuguesa de Pesca, bem assim como os das empresas de navegação «Nacional» e «Colonial», esperam uma resposta às exposições que fizeram a pedir aumentos. Estão na firme disposição de prosseguirem na luta até conseguirem os aumentos pedidos.

Em resultado da acção desenvolvida pelos mineiros de S. Pedro da Cova, os seus salários foram aumentados de 2\$50 por dia e outros operários tiveram aumentos de 3\$50 e 2\$00, e os rapazes a insignificância de mais \$50. A vitória conseguida encheu de alegria toda a classe, que se mostra disposta a prosseguir na luta por um novo Contrato Colectivo com salários

mais elevados.

Também os mineiros de Aljustrel egeram uma comissão reivindicativa que, acompanhada por mais de 100 mineiros, se avistou com a direcção do Sindicato. O presidente da comissão administrativa (o agente da PIDE Amadeu) fez-se doente para não aparecer aos trabalhadores. As exigências da luta devem levar os mineiros de Al-

justrel a prepararem-se para fazer uma nova concentração no Sindicato e expor os seus objectivos: aumento de 15\$00 nos salários e a readmissão dos mineiros despedidos.

No dia 6 de Janeiro mais de 70 mineiros de S. Domingos, com uma Comissão de 10 mineiros à frente, concentraram-se no seu sindicato, como protesto contra o roubo feito nos seus salários de \$50 por dia, que a gerência vem fazendo desde há 3 anos. O roubo, no conjunto dos mineiros, somará já mais de 500 contos, pertencendo mais de 400\$00 a cada mineiro. O presidente do Sindicato telefonou para a gerência e esta respondeu que iria escrever para Londres, que esperassem a resposta dos patrões ingleses. No dia 22 de novo voltaram os mineiros ao Sindicato, mas o Amadeu recusou-se a recebê-los. Os mineiros exigiram então a comparação do delegado do INTP, mas o presidente disse que não se responsabilizava pela chamada do delegado enquanto não viesse uma resposta de Londres, que o melhor era esperar. Em vista desta posição da direcção do Sindicato, os mineiros resolveram organizar novas concentrações, em maior número, até alcançarem as suas justas reivindicações.

Os assalariados agrícolas lutam contra o desemprego

O desemprego só no Alentejo e Ribatejo deve ter atingido para cima de 50.000 trabalhadores rurais. Particularmente no Alentejo, a situação tem-se agravado, devido ao facto dos grandes agrários empregarem cada vez mais máquinas, alargarem as áreas de pastagem e de pouso, deixando vastas regiões por cultivar.

Os operários agrícolas do Concelho de CORUCHE obtiveram uma exposição colectiva ao ministro das Corporações onde reivindicam:

- a) a garantia dos 6 dias de trabalho por semana;
- b) um salário mínimo de 30\$00 para os homens e de 20\$00 para as mulheres;
- c) as oito horas de trabalho.

Na apanha do pinhão, no COUCO, os trabalhadores lutaram por um salário de 40\$00, de sol e sol. Alguns grupos que saíram conquistaram essa jorna.

Em ALJUSTREL o agrário Manuel Costa despediu um rancho de mulheres que trazia a mondar a 10\$00 a jorna. Mas o rancho não se deu por despedido e durante 3 dias lá apareceu a trabalhar. O agrário dizia que só lhes daria trabalho se aceitassam baixar a jorna para 8\$00. As mulheres foram assim forçadas a abandonar o trabalho.

Em MONTEMOR-O-NOVO, em Janeiro, cerca de 200 trabalhadores concentraram-se várias vezes na Casa do Povo, acabando por conseguir a sua distribuição pelos agrários, em limpeza de árvores, arranque do mato, cervoários, etc.

Em ALPIARÇA, 500 trabalhadores desempregados concentraram-se em frente da Câmara, a pedir trabalho.

No ERVEDAL havia cento e tal pessoas sem trabalho, mas devido aos seus protestos já foram empregadas nos estrados mais de 80.

Em AVIZ, no dia 3 de Janeiro, uma comissão de 10 trabalhadores de Alcorrego foram falar com o vereador da Câmara a pedir trabalho, que se recusou. No dia

seguinte foram 12 trabalhadores ter com o presidente da Câmara. Os trabalhadores exigiram uma carta para o empregador das estradas, pois estão forçados de ser ludibriados. Acabaram por conseguir essa carta, apesar do presidente ter barafustado.

OUTRAS ACÇÕES REIVINDICATIVAS

Os empregados administrativos das companhias de navegação (Comp. Colonial, Nacional, Sociedade Geral e Insulana) entregaram no seu Sindicato um abaixo assinado com mais de 500 assinaturas, no sentido de lhes serem aumentados os ordenados.

Também os operários das oficinas da C.P. no BARREIRO enviaram uma carta à direcção do seu sindicato para que esta compareça numa assembleia geral e lhes dê conta da sua acção. Para essa carta foram recolhidas 300 assinaturas logo no primeiro dia.

PROTESTO DOS ESTUDANTES DO PORTO

A transferência do Centro Universitário do Porto para a Universidade do Porto, com a nomeação superior dos delegados, continua a ser motivo de descontentamento e de protestos por parte da massa estudantil desta cidade. Na Faculdade de Medicina realizaram-se assembleias numerosas onde o problema foi largamente debatido. Como conclusão foi resolvido não aceitar as nomeações de estudantes para o C.U.P. Posteriormente foi realizada nova assembleia, com o conjunto dos anos, e elaborado um abaixo-assinado. Foi eleita uma Comissão de 5 jovens estudantes que formam a Comissão Reorganizadora da Associação Académica da Faculdade de Medicina do Porto, ideia que tem sido apoiada por quase todos os estudantes desta Faculdade. Os estudantes da Medicina resolveram também entrar em contacto com outras Faculdades, no sentido de unificarem os esforços para uma acção comum pela reorganização das Associações Académicas.

Paralização na Parda Monteiro

Os operários da empresa Parda Monteiro enviaram uma comissão à gerência para pedir aumento dos salários. Como os patrões tivessem negado o aumento pedido, no dia 9 de Novembro os operários paralizaram durante alguns minutos como protesto. O encarregado geral fez ameaças de tipo policial, quando os viu suspender o trabalho. Os trabalhadores desta empresa querem aumento dos salários e direito a uma sopa, como sucede nas oficinas de Pero Pinheiro.

A luta da classe corticeira

A classe corticeira, particularmente na Margem Sul do Tejo, onde se encontra concentrada, está a reaninhar a sua luta e a conseguir algumas vitórias. A experiência e tradições de luta dos corticeiros devem levá-los a unir cada vez mais os seus esforços junto do patronato, dos Sindicatos e do governo, no sentido de conquistarem melhores condições de vida.

Na fábrica de cortiça de Almeida & Mira, em Alhos Vedros, deu-se uma concentração dos operários que não têm recebido o abono de família, já há mais de 6 meses. O patrão recebeu-os aos berros, mas após discussão, em que os operários firmemente defenderam as suas razões, o patrão foi forçado a pagar 5 meses de abono e prometeu regularizar o seu pagamento em breve.

Os operários da firma Barreiras, em Alameda, voltaram a falar com o patrão sobre o aumento de salários. Este disse que não aumentaria os salários isoladamente, que fossem tratar com o ministro das Corporações, pois eles estavam dispostos a fazer uma reunião de industriais para discutir o assunto, e que ele estaria de acordo com um aumento de 10 por cento.

Também os operários corticeiros da fábrica do «Jacinto», em Alameda, pediram ao patrão um aumento de 5\$00 e os do «Americano» enviaram ao patrão uma carta assinada por todos pedindo um aumento de 7\$50. Os corticeiros da Rankin continuam a insistir junto do patrão para que lhes sejam aumentados os salários.

NOVO PLANO PARA O ENSINO PRIMÁRIO OU A CONFISSÃO DA FALÊNCIA DUMA POLÍTICA

De novo as colunas da imprensa diária se encheram de grandes títulos. «Um plano de vasto alcance para a construção de 8.300 edifícios e 15.000 salas de aula». Mas o preâmbulo do Ministério da Educação Nacional, ao novo decreto, é uma confissão da falência de uma política, no domínio de instrução popular.

Quarenta por cento de analfabetos

Nesse preâmbulo o ministro da Educação Nacional é forçado a declarar que o aumento da população que procura instruir-se tornou insuficiente o número de escolas existentes no país e desactualizou o célebre plano dos Centenários. Isto quer dizer que o governo da Salazar não dedicou ao ensino as verbas necessárias para vencer este atraso contragredor em que Portugal se encontra, em relação à totalidade dos países de Europa: POSSUIMOS QUARENTA POR CENTO DE ANALFABETOS. E se tivermos em conta uma afirmação do sr. Veiga de Macedo, quando era subsecretário da Educação Nacional, vemos que a baixa que se operou no número de pessoas que não sabem ler se deve ao desaparecimento, por morte natural, dos elementos mais idosos da população que não puderam frequentar a escola.

Só 23 por cento da população escolar primária frequenta o ensino secundário e técnico

Expressão desse contragredor panorama que o país vive, e que o senhor ministro não ousou confessar, é ainda o número de alunos do ensino primário que tem acesso aos liceus e escolas técnicas.

Numa população escolar de 113.000 crianças, que fazem exame de quarta classe, só 12.500 entram nos liceus e colégios e 16.000 nas escolas técnicas.

Para que a obrigatoriedade escolar, até à quarta classe, possa ser uma realidade incluindo nela as crianças do sexo feminino o governo carece, imediatamente, de 1.000 professores, além dos 200 que anualmente são necessários, dado o crescimento da população infantil, em idade escolar. Carece igualmente de 2.000 salas de aula, que não existem, e não ser no «plano dos... centenários».

Um plano que falhou e outro que ameaça falência

Façamos justiça ao senhor ministro. Ele não esqueceu o fracasso desse tão decantado «plano... dos centenários», embora tenha escondido as causas verdadeiras que o determinaram.

Foi em 1928, segundo ele confessa, que se lançaram as bases para um vasto plano de instrução pública. Em Maio de 1938 acelerou-se o estudo desse plano, que foi aprovado, em reunião de conselho de ministros em Dezembro de 1940.

Este plano, que ficou conhecido pelo «plano... dos centenários», dispunha-se a construir, no prazo de 10 anos, 7.180 edifícios com 12.500 salas de aula. Ao fim de 20 anos o senhor ministro teve de reconhecer que o plano... estava desactualizado; construíram-se apenas, NO DOBRO DO TEMPO, 3.962 edifícios dos 7.180 que estavam planeados e 8.274 salas de aula, das 12.500 que foram ruidosamente prometidas em discursos e cartazes de propaganda. Quer dizer, mais um «plano» falido!

E agora o que se irá passar?

Agora há um novo plano, que é, tal como o senhor ministro afirma, o continuado do «plano... dos centenários». Nós temos o direito de nos interrogar, de duvidar, de perguntar se viverá tão tristemente no papel como o seu antecessor. E temos ainda o direito de dizer que esse plano é insuficiente para eliminar o analfabetismo, para pôr cobro à ignorância, ao atraso em que o país vive, pois as verbas e os prazos para a sua execução são de dimensões que em muito se assemelham às do «plano... dos centenários».

Ora o ritmo do «plano dos centenários» e o «novíssimo» «plano de construções escolares» levará, somente... 41 anos a realizar!

AMIGO E LEITOR, AUXILIA A MANUTENÇÃO DA PAZ!

O SOCIALISMO EM MARCHA

10.º ANIVERSÁRIO DO PACTO SOVIÉTICO-CHINÊS

Os povos soviético e chinês acabam de comemorar festivamente o 10.º aniversário do «Pacto de Amizade e Ajuda Mútua» que liga a poderosa União Soviética à grande China Popular.

A amizade soviético-chinesa é uma sólida garantia de paz mundial e uma fonte de impetuoso progresso do vasto campo socialista.

A ajuda fraternal da União Soviética à China Popular tem permitido a esta, com a força e o entusiasmo criadores do povo chinês, transformar-se numa grande potência industrializada e avançada. Contra essa sólida amizade têm-se desfeito como ondas de espuma as manobras divisionistas do imperialismo que teimosamente se recusa a reconhecer o papel de grande potência da China Popular.

Mas a grande China conquistará o seu lugar no concerto dos povos de todo o mundo e faz e fará pesar cada vez mais a sua influência pacífica nas relações entre os povos.

Todos os portugueses progressistas saúdam com calor o 10.º aniversário do «Pacto de Amizade e Ajuda Mútua» soviético-chinês que sela a amizade indestrutível dos dois grandes povos socialistas.

AS BASES ALEMÃS EM ESPANHA Nova conspiração contra a Paz

O conhecimento público das diligências do governo de Adenauer para a criação de bases militares na França, Dinamarca, Bélgica e Noruega e a denúncia das negociações secretas entre os governos de Bonn e de Madrid para o estabelecimento de bases semelhantes em Espanha põem em relevo uma nova e sinistra conspiração contra a paz, urdida pelos revanchistas de Bonn e em estreita colaboração com os governos fascistas de Franco e Salazar e os círculos reaccionários dos países em questão.

Justamente se dizia no último número do «Avante!» que «o militarismo alemão, em franco ressurgimento, conta com todos os remanescentes do fascismo, como Salazar e Franco, para prepararem uma nova chacina mundial».

Vistas a esta luz assumem uma feição muito mais concreta e significativa as visitas do ministro alemão Strauss a Portugal e a do antigo espião nazi, actual ministro de Salazar, Marcelo Matias, à Alemanha Federal e à Espanha franquista. Bem esclarecedoras são também a construção duma base alemã de foguetões atómicos em Bilbau, a fabricação de armas automáticas para a Alemanha de Bonn em Espanha e de munições, que ascendem a 120.000 contos, em Portugal.

Os criminosos conluos do governo de Adenauer e dos nazistas alemães com os fascistas peninsulares constituem uma ameaça para a Paz mundial e para a independência e vida pacífica dos povos de Espanha e Portugal.

No momento em que a União Soviética e os governos ocidentais preparam uma conferência de alto nível e passos importantes foram dados para diminuir a tensão internacional e pôr fim à guerra fria, as diligências do governo de Adenauer são um acto de hostilidade contra a política de paz que se desenvolve à escala do mundo, traduzem o desespero da reacção alemã, empenhada em manter o foco de provocações localizado em Berlim-Oeste, em aniquilar a República Democrática Alemã e continuar a política de guerra e de colónias anti-soviéticas.

O governo da Alemanha Ocidental procura, com a conivência dos círculos reaccionários dos Estados Unidos, Inglaterra e França, continuar a política fracassada dos militaristas do Pentágono, que as

forças da Paz do mundo inteiro obrigaram a sérios recuos.

Para o governo de Bonn a teoria do espaço vital do tempo de Hitler foi substituída pela teoria das «bases de aprovisionamento e de apoio» em território de outros países.

Porém os tempos mudaram radicalmente.

As forças da Paz, encabeçadas pela poderosa União Soviética, têm hoje a força suficiente para arrefecer as cabeças esquentadas dos loucos imperialistas e para esmagar qualquer acção agressiva contra os países socialistas.

A conspiração dos reaccionários fascistas de Bonn e da Península Ibérica vira-se antes de mais nada contra os povos portugueses e espanhóis. Daqui a urgente necessidade de impedir por todos os meios que os dois países se transformem em praças de armas dos militaristas alemães e americanos.

TRIBUNA DO LEITOR

O PROBLEMA DA MENDICIDADE

No dia 20 de Fevereiro de 1960, em Jornal Sonoro, o senhor capitão Oliveira Cascais, referindo-se ao problema da mendicidade, expôs com clareza as ideias do governo acerca do mesmo caso.

Começou aquele senhor por afirmar que: «o problema da mendicidade era pura e simplesmente um vício e uma maneira de ganhar a vida sem se esforçar, isto é, procurar maneira de arranjar trabalho.»

Ora toda a gente sabe, (ou pelo menos uma grande parte) como se encontra o problema do desemprego em Portugal. Não é, pois, de estranhar que se vejam por toda a parte pessoas que não têm trabalho e, por isso mesmo, se vejam na necessidade de mendigar para matar a fome a si e aos seus, por muito que isso os possa desgostar.

E, mais adiante, esse senhor tem o atrevimento de dizer que: «um sergente de pedreiro na cidade de Lisboa ganha aproximadamente 25\$00 e um mendigo, esmolando, chega a atingir em meio dia a soma de 40 a 60\$00».

Seguidamente o senhor Oliveira Cascais apela para que o comércio de Lisboa e o povo em geral se recuse a dar esmola a esses «industriais». Sim, «industriais», não é engano!

A UNIVERSIDADE DA AMIZADE DOS POVOS

A União Soviética acaba de anunciar a criação em Moscovo da «Universidade da Amizade dos Povos» a abrir ainda este ano. Esta Universidade destina-se a ajudar os povos sub-desenvolvidos da Ásia, África e América do Sul na formação dos seus quadros técnicos e administrativos.

Este ano frequentarão a Universidade 500 alunos e nos próximos anos 3 a 4.000.

O ensino será completamente gratuito, como aliás todo o ensino soviético, e aos estudantes será pago um subsídio de manutenção, assegurados alojamentos e pagas as passagens de ida e volta dos seus respectivos países.

Os manuais serão editados nas línguas maternas dos estudantes.

A criação da «Universidade da Amizade dos Povos», que permitirá a formação de milhares de engenheiros, médicos, cientistas, economistas, etc., é mais uma demonstração significativa da política soviética de ajuda aos povos sub-desenvolvidos para que se libertem rapidamente do atraso em que os têm mantido o colonialismo odioso e para que conquistem a sua plena independência económica e política.

A MORTE DE 196 MINEIROS MOÇAMBICANOS NA ÁFRICA DO SUL

Entre os 440 mineiros que ficaram sepultados na mina da África do Sul figuram 196 trabalhadores negros de Moçambique, parte do contingente anual de 100 mil trabalhadores-escravos que o governo de Salazar aluga todos os anos aos exploradores racistas da África do Sul.

A mina é explorada pelos imperialistas anglo-americanos, através do «trust» «South African General Investments and Trust Company».

Quanto às condições em que os mineiros são ali obrigados a trabalhar, dá uma ideia o seguinte telegrama, publicado no «Século» de 27 de Janeiro:

«Sabe-se agora que a mina tem mais de 60 anos, duvidando-se que as galerias abandonadas há longo tempo estivessem escoradas, crendo-se ainda que se trabalhou na extracção do carvão em ritmo de tal maneira superior ao normal que se deixou para trás todas as possibilidades de insegurança. Sabe-se ainda que há cerca de 4 meses a mina já apresentava sinais de insegurança e que, agora, depois dos primeiros aluimentos se continuou a trabalhar».

Diz ainda o mesmo jornal que 10 mineiros foram presos no dia da catástrofe por se recusarem a descer à mina e que 70 outros teriam fugido para escapar à prisão.

Este é o tipo de protecção e bem estar que os colonialistas levam aos povos africanos e é por isso que tantos esforços fazem para se manterem em África. As centenas de trabalhadores mortos nesta mina somam-se a muitos milhares de outras vítimas sobre cujo sangue tem sido amassado, ao longo dos séculos, o domínio e a exploração do imperialismo sobre os povos coloniais, domínio e exploração que estão chegando ao fim devido à luta heróica desses mesmos povos pela sua libertação e independência.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

No último número do «Avante!» terminou com o resultado de 1.042.546\$80 a campanha «Para os Mil Contos». Todos os donativos recebidos posteriormente para esta campanha passarão a ser publicados nas rubricas normais, onde os nossos amigos deverão verificá-los.

Com este número do «Avante!» sai um suplemento de rubricas que totaliza a quantia de 123.103\$00